

ALINE TAVARES SANTANA

O MST e a Educação: contradições de um movimento, limites e possibilidades da educação e a continuação de um sonho

**Rio de Janeiro
Junho/2006**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

O MST e a Educação: contradições de um movimento, limites e possibilidades da
educação e a continuação de um sonho

Aline Tavares Santana

ORIENTADORA: Angela Maria Souza Martins

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
como requisito para a obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia

Rio de Janeiro
Junho/2006

**A minha família e a todos aqueles
que sempre lutaram por uma
sociedade mais justa**

AGRADECIMENTOS

- A minha família e amigos que me apoiaram durante essa caminhada.
- Ao povo brasileiro que contribuiu com os impostos, os quais financiaram meus estudos.

RESUMO

Nossa monografia trata da relação entre o MST e a educação. Começamos nosso trabalho com a reflexão de Bauman (2005), é muito cedo para se fazer uma avaliação final sobre os movimentos sociais que lutam contra uma globalização que precisa ser controlada em seus aspectos selvagens. Para Caldart (2000), ainda que seja cedo para se ter uma noção exata sobre o MST, este representa uma força social e política na sociedade brasileira. Logo discutir hoje, o destino de movimentos sociais como o MST, é talvez discutir o destino da humanidade, pois este não sucumbe, entre outros, diante do chamado pensamento único. Dessa forma, de acordo com Gadotti (1995), o MST, assim como as demais instituições sociais, fazem parte de uma sociedade contraditória como a sociedade capitalista, carregando consigo traços desta contradição, nascendo da grande miséria que faz oposição a grande riqueza produzida pelo capitalismo, o que seria a primeira e principal contradição desta sociedade. Outra contradição do movimento é o fato de se situar entre os novos e velhos movimentos sociais. O MST duela entre a questão da sobrevivência, lidando com questões econômicas, o que o caracteriza como um movimento velho, e entre a luta pela Reforma Agrária, o que o coloca entre os movimentos novos. Assim, consideramos, que apesar dos limites e contradições enfrentadas pela proposta educacional proposta pelo MST, ele tem contribuições significativas por defender o compromisso com a transformação social.

PALAVRAS-CHAVE: MST; Movimento Social; Educação; Contradições.

SUMÁRIO

Introdução.....	07
1-Educação e Política.....	09
1.2-Dialética e Educação.....	10
1.3-Educação e Política.....	11
2-Movimentos Sociais.....	13
2.2-Transformação ou Não transformação da Estrutura.....	13
2.3-Breve Histórico dos Movimentos Sociais.....	15
2.4-Requisitos para a Construção de um Movimento Transformador.....	17
3-Como Entender o MST.....	19
3.2-O que é o MST.....	20
3.3-Em Prol de que Luta o MST.....	21
3.4-As Contradições do MST.....	21
3.4.1-O MST Pode ou Não Transformar a Estrutura.....	22
4-MST e sua Relação com a Educação.....	23
4.2-MST e a Relação entre cultura e Educação.....	25
Considerações Finais.....	28
Bibliografia.....	32

Poderia
ter feito um
boas hipóteses
10/11/50

Não pode supor que
todos os leitores
7
E em o que isso quer
diz = MOVIMENTO DOS
SEM-TERRA (MST)

INTRODUÇÃO

Nossa monografia trata da relação entre o MST e a educação. Começamos nosso trabalho com a reflexão de Bauman (2005), é muito cedo para se fazer uma avaliação final sobre os movimentos sociais que lutam contra uma globalização que precisa ser controlada em seus aspectos selvagens. Para Caldart (2000), ainda que seja cedo para se ter uma noção exata sobre o MST, este representa uma força social e política na sociedade brasileira. Logo discutir hoje o destino de movimentos sociais, como o MST, é talvez discutir o destino da humanidade, pois este não sucumbe, entre outros, diante do chamado pensamento único.

Portanto, não é cedo para darmos início a um repensar sobre os novos movimentos Sociais, visto que, segundo os próprios autores, ainda convivemos, entre outros, com problemas como o crescimento da miséria, como é o caso do Brasil que abriga uma luta pela terra que representa, para o MST, segundo Bezerra Neto (1999),^o último recurso dos trabalhadores num sacrifício em busca da sobrevivência de uma massa de sujeitos que convivem com uma miséria, promovida pela péssima distribuição da terra, que parece estimular uma ação política de massa de caráter revolucionário, contando para isso com a educação.

A luta pela terra não é uma questão nova. Mas temos como novidade uma nova forma de luta, na qual o MST faz ligação da questão cultural educacional com a problemática da concentração de terra, discutindo as formas de organização em defesa da propriedade coletiva dos meios de produção e da democratização do poder político e da propriedade.

Assim, em tempos de apologia do particular, do subjetivo e do cotidiano, o estudo sobre a educação deste movimento e o próprio MST, organização social caracterizada como um movimento que acredita na educação e nos movimentos organizados, traz uma contribuição preciosa para aqueles que buscam um novo tipo de sociedade.

Amplio

Dessa forma, pretendemos pensar a legitimidade dessas formas de organização política e, principalmente do MST, uma vez que, para alguns autores, este representa um elemento positivo e para outros representa um elemento negativo na luta por transformação social. Faremos isso a partir da idéia de que os sujeitos que atuam no seio da sociedade, no interior dos movimentos sociais e da educação, divergem no que se refere a finalidade e as estratégias que desejam para os grupos sociais, para a sociedade e para o homem.

Este trabalho pretende pensar a relação entre o MST e a educação, mostrando que este movimento pode tornar possível ou não a transformação social. Apresentamos como questão central: até que ponto a educação pode contribuir ou não para a transformação ^{de} uma sociedade plena de contradições como a nossa?

No primeiro capítulo, fazemos uma reflexão sobre a relação ^{entre} educação e política, analisando uma concepção dialética de educação. No segundo capítulo, trataremos de refletir sobre os movimentos sociais, inicialmente apresentando uma breve definição do que é movimento social, depois fazendo um histórico dos movimentos sociais e mostrando que os movimentos sociais possuem como principal característica o fato de representar a união de pessoas no desejo de estabelecer uma nova ordem de vida, esses movimentos podem contribuir para a transformação ou conservação da sociedade.

No terceiro capítulo, será apresentado um breve histórico sobre o MST e ~~as~~ contradições existentes no movimento, uma vez que este representa um reflexo da sociedade capitalista, que tem como princípio a contradição entre capital e trabalho.

No quarto capítulo, mostraremos que a educação do MST, assim como toda educação, mostra-se como um espaço de contradição e luta pela conservação e transformação social. Nas considerações finais, refletimos sobre os movimentos sociais e suas contradições e avanços, tendo como foco principal o MST e a educação.

CAPÍTULO 1

1- EDUCAÇÃO E POLÍTICA

1.1 Breve reflexão da educação brasileira de 1960 até os dias de hoje

Não podemos negar o antagonismo na educação brasileira. No início da década de 1960, no Brasil, esse antagonismo se torna mais acentuado. A luta por uma educação libertadora cresce com o fortalecimento do poder das classes populares. Depois foi sufocado, reprimido pela ditadura. Na década de 1960 foram denunciados os acordos entre o MEC e a USAID, acordos que possibilitaram a Reforma Universitária e do Ensino de 1º e 2º graus. Instala-se ao longo das décadas de 1970 e 1980 a crise desse modelo educacional. Com a crescente organização da sociedade civil, que pressiona a sociedade política, surgem movimentos para rever esse modelo educacional. Mas o Estado já não tem mais condições de impor uma nova política educacional diante da organização da sociedade civil, dessa forma, o governo perdeu a legitimidade de todas as propostas, pois não utiliza do consenso para elaborá-las, mas utiliza-se da força para impô-las. Sendo assim, as propostas educacionais não devem ser buscadas na sociedade política, mas na sociedade civil (GADOTTI, 1995).

A sociedade civil brasileira retoma, na década de 1980, o debate em torno do ensino público e gratuito (GADOTTI, 1995), permanece o embate entre uma concepção tecnoburocrática e a concepção dialética da educação, que tenta mostrar como essa interação das partes da sociedade é conflituosa, negando a neutralidade da educação e defendendo a educação como sendo essencialmente de classe, portanto, sem a pretensão de reprodução ou readaptação ao sistema, mas tenta mostrá-la como parte do conjunto da sociedade (GADOTTI, 1995). Assim, contra esta tendência dominante, caminha e se forma uma tendência popular inspirada numa concepção dialética.

1.2 Dialética e educação

A concepção dialética da educação diferencia-se da concepção metafísica, pois para esta a educação seria a realização daquilo que deve ser o homem, tudo depende da sua essência. A pedagogia existencialista, ou a pedagogia da existência, é aquela que considera o indivíduo em luta dramática para ser ele mesmo, embora opondo-se à pedagogia da essência, não deixa de ser igualmente metafísica. Tanto uma como outra consideram a educação do homem como um caso individual, consideram a educação como uma conquista pessoal. No primeiro caso, teríamos a atualização de uma essência pré-dada. No segundo caso, a conquista de uma essência pela luta individual (GADOTTI, 1995).

Enquanto a pedagogia da essência é determinista e mecânica, e a concepção existencialista é voluntarista e pessimista, a pedagogia dialética sustenta que a formação do homem se dá pela elevação da consciência coletiva realizada concretamente no processo de trabalho (interação) que cria o próprio homem, é uma pedagogia é social, científica, voltada para a construção do homem coletivo. A educação identifica-se com o processo de humanização. É o que se pode fazer do homem de amanhã. Para a pedagogia dialética a questão central é o homem enquanto ser político, a libertação histórica, concreta do homem contemporâneo. Ao contrário das pedagogias tradicionais da essência e da existência que é a formação do homem individual, a formação do líder, do dirigente que defende a manutenção de uma ordem social onde predominam os interesses da classe dominante (GADOTTI, 1995).

Segundo Marcuse (apud GADOTTI, 1995), a concepção dialética da educação considera todos os elementos internos, as contradições no interior do indivíduo e da própria instituição educacional, assim a educação está entre dois pólos, a classe dominante conservadora de seus privilégios, e a classe subalterna que encontra também na escola instrumento de luta.

Gadotti (1995) continua dizendo que a escola parece ter duas funções contraditórias: conservar ou contaminar as estruturas capitalistas, a burguesia precisa da escola para gerar um senso comum favorável a ela, mas esse uso da escola acaba contribuindo, dialeticamente, com a construção de instrumentos que podem minar o projeto da burguesia. Dessa forma a educação pode tornar-se um instrumento de luta da classe oprimida e o lugar de uma contra-hegemonia (GADOTTI, 1995). Devemos entender que a prática educativa é essencialmente política.

1.3 Educação e política

“Temos repetido ainda que a educação é compromisso, é ato, é decisão. Educar-se é tomar posição, tomar partido...” (GADOTTI, 1995, p. 143).

Como dissemos anteriormente a educação é um ato político e a questão é saber se enquanto ato político qual é a sua intenção, qual projeto político que defende: a reprodução ou a transformação da sociedade.

Ao pensar a relação entre educação e política Gadotti diz que:

“Não é suficiente afirmar que toda educação é política (...) a educação transmite os modelos sociais, a educação forma a personalidade, a educação difunde idéias políticas, a educação é encargo da escola, instituição social. É fácil concluir daí que a educação numa sociedade de classes transmite os modelos sociais da classe dominante, forma os cidadãos para reproduzirem essa sociedade, difunde as idéias políticas dessa classe e reproduz, por isso tudo, a dominação de classe” (GADOTTI, 1995, p.140).

De acordo com Gadotti, “tanto a educação do homem feudal quanto a educação do homem burguês tem uma finalidade bem definida: adaptar as novas gerações a um modelo de sociedade. Mas será que a educação é apenas isso?...” (GADOTTI, 1995, p. 13).

Sendo assim, a escola não é um reduto da classe dominante; ela é um terreno de luta entre a classe dominante e a classe explorada. Ela é terreno em que se defrontam as forças do progresso as forças conservadoras. O que se passa na escola reflete a exploração e a luta contra a exploração. Ela é simultaneamente reprodução das estruturas existentes, porta de transmissão da ideologia

... mas não é um terreno?!

oficial; mas também ameaça para a ordem estabelecida. A educação dentro de uma concepção dialética tem como intenção mostrar a luta de classe existente dentro da escola, a qual é reflexo da luta na sociedade. A educação não está separada da luta de classe e de acordo com a concepção dialética, só é possível entendê-la através da análise social e econômica da sociedade a qual pertence (GADOTTI, 1995).

A educação reflete os conflitos da sociedade de classes. A educação por ser um espaço político de relativa importância na superação das contradições da sociedade, torna-se um instrumento de luta com duas funções contraditórias, reprodução das estruturas existentes e ao mesmo tempo ameaça a ordem estabelecida, portanto ela é plena de possibilidades, a educação é a expressão das contradições de uma sociedade dividida em classes. De acordo com esses pressupostos, analisamos o MST e a sua proposta educacional, mostramos como a educação se apresentou como instrumento importante para a luta desse movimento social.

CAPÍTULO 2

2 - OS MOVIMENTOS SOCIAIS

2.1 O que é movimento social

Segundo Ghon, (apud Siqueira, Sandra M. Marinho. O Papel dos Movimentos Sociais na Construção de outra sociabilidade; disponível em <http://www.anped.org.br/25/excedentes25/sandramariamarinhosiqueirat03.rtf>, acesso em 19 de maio de 2006), não há uma definição única e universal de movimentos sociais. Ainda assim, pode-se dizer que estes são compreendidos como sendo o conjunto de ações coletivas dirigidas à contestação, à reivindicação e à transformação, entre outras coisas, do político, do econômico e do social.

Para LEE (apud RIBEIRO, 1990), os movimentos sociais têm início numa condição de inquietação e sua motivação deriva da insatisfação da forma corrente de vida. Para Touraine (apud SIQUEIRA – FACED/UFC), os movimentos sociais representam um sistema de forças que são elementos centrais da sociedade por serem sua trama, o seu coração.

Em resumo, vemos que os movimentos sociais possuem como principal característica o fato de representar a união de pessoas no desejo de estabelecer uma nova ordem de vida, onde destacamos o fato de se tratar de um investimento que pode acontecer através de confrontos, ou de forma conivente com o sistema vigente. (Ribeiro, 2005)

2.2 Transformação ou não transformação da estrutura

Vemos que vários autores elucidam a respeito dos movimentos sociais tanto quanto sua capacidade de imprimir novas configurações às relações sociais, como pela sua possibilidade de se tornarem potências transformadoras e construtivas de uma sociabilidade diferenciada. (SIQUEIRA, Sandra M. Marinho. O Papel dos Movimentos Sociais na Construção de outra

Os movimentos sociais de ordem passiva são, portanto, aqueles que se articulam de forma bastante tranqüila, dentro dos padrões determinados como modo de vida tal qual o modo seguido pelas classes hegemônicas, estando socialmente ligados a pessoas adaptadas a este modo, ou seja, nos moldes capitalista. Não criando um atrito direto para mudar a organização social já estabelecida (RIBEIRO, 2005).

Já os movimentos sociais de ordem ativa representam o oposto, estes se contrapõem à organização instituída. Seus objetivos e interesses são alcançar o estabelecimento de uma nova ordem social. Assim, os movimentos sociais de ordem ativa buscam mudanças sociais, não apenas no que diz respeito à participação de pessoas em estruturas já estabelecidas pela classe dominante, mas também, no que diz respeito a estabelecer um novo modo de vida. (RIBEIRO, 2005)

O movimento dos sem-terra é um exemplo de movimento social de ordem ativa. Sua luta institui uma nova representação social, e esta diferente do modo de vida da classe dominante e almeja transformar as bases de nossa sociedade capitalista (RIBEIRO, 2005).

2.3 Breve Histórico dos Movimentos Sociais

Os movimentos sociais surgem quando alguns fatores estão estabelecidos como: a busca de uma resolução em termos de ação em grupo, diante do descontentamento social; a defesa de interesses; o desejo de estabelecer uma nova ordem de vida e de transformação social, uma reunião de pessoas partilhando e se identificando com um mesmo tipo de sentimento, o de injustiça social e abandono. Estes fatores acabam por contribuir para formação e consolidação dos movimentos sociais. (Ribeiro, 2005)

Tais fatores nos fazem compreender os movimentos sociais que vêm atuando há algum tempo no cenário social e político de nossa história. Entre as décadas de 1960 e 1990, surgiram

vários movimentos sociais, muitos se originaram do abandono da luta dos operários contra a exploração capitalista, e caminharam em várias direções. (Jornal Girassol. Movimentos sociais: O povo em ação; disponível em <http://www.ogirassol.com.br/aprender131/index.htm>, acesso em 8 de maio de 2006).

As práticas e objetivos dos novos movimentos sociais são opostos às aspirações dos velhos movimentos sociais, ou seja, fazem oposição ao movimento operário-sindical, organizado a partir do mundo do trabalho. (Siqueira, Sandra M. Marinho. O Papel dos Movimentos Sociais na Construção de outra sociabilidade; disponível em <http://www.anped.org.br/25/excedentes25/sandramariamarinhosiqueirat03.rtf>, acesso em 19 de maio de 2006).

Na década de 1960, aparece nos Estados Unidos e na Europa, o movimento Hípie pregando paz e amor e uma vida alternativa, contestando o consumir só por consumir, enquanto isso, no Brasil se dava o golpe militar. Nesse mesmo período, o Movimento Estudantil tomou força na França e abalou a sociedade francesa com protestos e paralisações. No Brasil o Movimento Estudantil se reorganizava no Brasil e fazia manifestações de rua contra os militares. (Jornal Girassol. Movimentos sociais: O povo em ação; disponível em <http://www.ogirassol.com.br/aprender131/index.htm>, acesso em 8 de maio de 2006).

Nesse período aparecem e começam a se fortalecer os movimentos ecológicos, eles buscam mudar a forma dos homens se relacionarem com a natureza; a situação caótica das cidades poluídas gradativamente fortalece esses movimentos. As feministas e os gays começaram a consolidar seus movimentos, lutam contra o machismo e o preconceito. Surge também o movimento negro, lutando contra o preconceito e o racismo, contribuindo para a mudança de mentalidade e provocando mudanças culturais. Outro movimento que aparece nesse momento é o movimento pacifista que protesta contra a possibilidade da humanidade se extinguir devido às

mas
creio

mas se, nos 2.º e 3.º graus, a luta é mais organizada, mais ruidosa
acho que a internet pode ser muito útil
de partida da pesquisa, mas nos 4.º e 5.º graus, se
17

armas nucleares (Jornal Girassol. Movimentos sociais: O povo em ação; disponível em <http://www.ogirassol.com.br/aprender131/index.htm>, acesso em 8 de maio de 2006).

Podemos constatar que entre as décadas de 1960 e 1990 houve muitos ganhos, o que representa um fortalecimento dos Movimentos Sociais, que continuam crescendo e exigindo mudanças nas esferas econômica, cultural e nas formas do homem se relacionar com o mundo. (Jornal Girassol. Movimentos sociais: O povo em ação; disponível em <http://www.ogirassol.com.br/aprender131/index.htm>, acesso em 8 de maio de 2006).

No Brasil, a partir de 1990, um movimento começou a ganhar destaque o MST, este movimento ganha um fortalecimento nas suas lutas e sua organização cada vez mais se sofisticava, assim como os embates com a estrutura de poder. Este movimento é objeto de reflexão de nossa monografia.

2.4 Requisitos para a construção de um movimento transformador

Sem entrar na questão dos velhos ou novos movimentos sociais, existem autores que apresentam critérios para que qualquer categoria de movimento social seja capaz de transformar uma dada realidade.

Para Castells (1999), apesar dos movimentos sociais representarem grupos locais com interesses próprios e descomprometidos com mudanças estruturais, estes podem romper com a ordem capitalista quando apresentam um projeto societal. O autor aponta para a importância dos movimentos sociais não assumirem uma luta que defenda apenas interesses específicos, mas revela que estes movimentos devem unir suas forças na busca da transformação social.

Encontramos autores, como Abdalla (2002), que sustentam a idéia de que os movimentos sociais podem ser elementos de transformação social, desde que tenham como eixo fundamental a construção de uma nova racionalidade, baseada no princípio da cooperação, para contrapor a

competição, eixo fundamental da ordem capitalista. Este princípio renuncia à acumulação e à exploração da mais-valia e rompe com a divisão entre proprietários e trabalhadores. Com relação às relações de sociabilidade ao invés de conceber o ser humano como outro concorrente, com quem deve competir, os indivíduos considerariam a presença do outro uma complementaridade.

De acordo com Caldart (2000), movimentos sociais capazes de transformar a realidade devem se tornar *sujeito sócio cultural* ou *movimento sócio cultural*, que significa dizer um movimento que carrega um novo valor, contrariando os valores da sociedade vigente e quebrando com o padrão cultural que vigora atualmente, ou seja, deve ser um movimento produtor de uma cultura que possibilite criar um novo projeto, que tenha perspectiva de futuro, que crie uma coletividade capaz de produzir esperança e novas propostas, que construam lutas que busquem a sobrevivência social e individual.

De acordo com os autores citados acima, o MST atende aos requisitos de um movimento revolucionário, porque apesar de sua reivindicação mais visível ser a reforma agrária, a verdadeira ameaça que ele apresenta à ordem dominante é a construção de novos valores através de um trabalho intenso de formação e educação, construindo novas experiências de posse e produção coletiva, com uma agricultura alternativa, ecologicamente correta. Por isso faz-se necessário a utilização da educação para disseminação desses valores culturais.

CAPITULO 3

3- COMO ENTENDER O MST

3.1 Breves considerações históricas sobre o MST

Ocorreram várias lutas pela terra na história do Brasil. Entre elas estão os Quilombos, Canudos, as Ligas Camponesas, as lutas de Trombas e Formoso, a Guerrilha do Araguaia etc., porém diferente de todos eles temos o MST que se caracteriza como um movimento que se organiza em âmbito nacional e possui uma proposta de sociedade socialista (BEZERRA NETO, 1999).

Segundo Bezerra Neto (1999), as lutas pela posse da terra pelas camadas populares sofreram grande repressão durante a ditadura militar, apesar disso, setores organizados por trabalhadores rurais continuaram se desenvolvendo e crescendo em prol da reforma agrária. Na década de 1970, a ala progressista da igreja católica, deu respaldo para a discussão e organização das primeiras ocupações de terra. (disponível em <http://www.ogirassol.com.br/aprender131/index.htm>, acesso em 8 de maio de 2006).

Em janeiro de 1984, aconteceu o primeiro encontro do MST, em Cascavel, no Paraná, e ficou definido a importância da tomada da terra pelos trabalhadores rurais e começou o estabelecimento de metas e linha política para a atua

ção do movimento (BEZERRA NETO, 1999).

Em 1985, o MST realizou seu primeiro Congresso Nacional, em Curitiba, cuja palavra de ordem era: "Ocupação é a única solução", cinco anos depois, 1990, ocorreu o II congresso do MST, que teve como discussão as ocupações e a expansão do movimento em nível nacional. Em

1995, foi realizado o III Congresso Nacional do MST, cujo tema foi “Reforma Agrária, uma luta de todos” (BEZERRA NETO, 1999).

Em 1997, com destino a Brasília, foi realizada a “Marcha Nacional Por Emprego, Justiça e Reforma Agrária”. Em agosto de 2000, em Brasília, sob o tema “Por um Brasil sem latifúndio”, foi realizado o IV Congresso Nacional do MST, este determinou as ações do movimento até a atualidade (Jornal Girassol. Movimentos sociais: O povo em ação.; disponível em <http://www.ogirassol.com.br/aprender131/index.htm>, acesso em 8 de maio de 2006).

3.2 O que é o MST

Trata-se, segundo Caldart (2000), de um movimento popular, que aceita pessoas de todas as idades e profissões. Apresenta um sentido corporativo, luta por demandas específicas que não se restringe a conquista da terra; tem um componente político marcante, a luta pela terra em busca pela Reforma Agrária, esta é entendida como um avanço na luta de classe.

Consideramos que a expressão “sem terra” vem da condição de uma categoria de trabalhadores com origem no campo, mas que foram obrigados a deixá-lo ou continuam trabalhando no campo na condição de trabalhadores assalariados (Bezerra Neto, 1999).

O MST tem se constituído no mais importante movimento popular brasileiro, nos últimos anos, sendo certamente o movimento de massa mais relevante deste final de século. Trata-se de um movimento que difere de todos movimentos de luta pela terra que existiram na história do Brasil por ser organizado nacionalmente e possuir uma proposta socialista de sociedade (Bezerra Neto, 1999).

3.3 Em prol de que luta o MST

O MST trava uma luta por conquista de benefícios sociais e por direitos de cidadania como: escola, moradia, saúde, luz elétrica e bem estar social, possui como principal bandeira a Reforma Agrária, ou seja, a luta pela terra. Trata-se de um investimento político que busca a posse da terra e pode representar o último recurso dos trabalhadores para sobreviver. Esta luta tem dois lados, porque pode representar uma forma de organização que defende a propriedade coletiva dos meios de produção e a democratização do poder político e da propriedade ou pode ser a renovação do capitalismo ou a possibilidade dos trabalhadores sem terra se tornarem capitalista, como são os atuais fazendeiros, acreditamos que o MST deve ter clareza desse impasse (Bezerra Neto, 1999).

3.4 As contradições do MST

Assim, como os novos movimentos, também o MST é pensado como um movimento que tanto pode contribuir para a conservação como para a transformação social. Mas esse movimento apresenta uma peculiaridade porque dentro do próprio movimento faz-se essa reflexão. Segundo Bezerra Neto (1999), há contradições no próprio interior do movimento, o que põe em dúvida seu caráter revolucionário, uma vez que são diversos os fins almejados pelos seus líderes com relação ao movimento e a sociedade. Bezerra Neto (1999) inclusive explica que o MST atribui à educação uma função redentora dos males vividos pela sociedade.

Porém (Bezerra Neto, 1999) afirma que apesar dessas contradições o movimento denuncia os conflitos sociais vividos no Brasil e pensa na construção de uma sociedade diferente da capitalista, uma sociedade sem explorados e exploradores, baseada na solidariedade entre as pessoas. O seu engajamento na luta social mais ampla representa, para alguns autores, a busca pela construção de um projeto alternativo para a sociedade capitalista (ABDALLA, 2002).

3.4.1 O MST pode ou não transformar a estrutura?

Os movimentos sociais podem ser vistos como possibilidades de transformação ou não da realidade social. O MST passa pelo mesmo processo de avaliação quanto à sua possibilidade ou não de transformação social.

De acordo com Caldart (2000), o MST tem caráter transformador, pois luta contra a ideologia do fim da história e representa um novo sujeito sócio-cultural, luta além do limite da questão agrária, porque combate o modelo capitalista atual. Esta luta expressa um projeto social amplo e complexo.

Para Bezerra Neto (1999), o caráter transformador do movimento aparece quando o mesmo apresenta como princípio a construção de uma sociedade diversa da sociedade atual, e esta terá início com a realização de uma reforma agrária feita a partir dos trabalhadores. Por outro lado, o mesmo autor diz que o movimento se torna conservador, ao dar a mesma importância a educação e a reforma agrária, pois de acordo com Bezerra Neto, para Marx não são as idéias que criam a realidade mas, ao contrário, é a realidade objetiva que determina o modo de pensar dos homens. Assim, uma reforma agrária com fins de democratização dos bens sociais, poderia ajudar à construção de uma educação socialista, não o inverso, como defende o MST (BEZERRA NETO, 1999).

CAPÍTULO 4

4- MST E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO

Bezerra Neto (1999) afirma que o MST acredita numa educação diferenciada da educação proposta pelo sistema capitalista, por meio da educação é possível pensar numa sociedade livre, democrática e igualitária, como é seu ideal. A educação proposta pelo MST prega a transformação social.

Segundo Caldart (2000), a aproximação do MST com a escola pode ser compreendida pelo fato de sua construção no cotidiano contar com a existência de uma dinâmica de alguns *processos socioculturais*, fazendo-o um movimento de massa e de forte *dimensão de projeto*.

Caldart (2000) parece ter captado as possibilidades e limites da escola dentro da sociedade de classes ao afirmar que a escola vinculada a um movimento como o MST, pode ir além de si, quando se apresenta como proposta pedagógica o vínculo entre escola e produção, escola e política e escola e cultura.

Segundo Bezerra Neto (1999), a luta pela terra não é uma questão nova. Mas temos como novidade uma nova forma de luta, onde o MST faz vinculação da questão cultural educacional com a problemática da terra, discutindo formas de organização e defesa da propriedade coletiva dos meios de produção e da democratização do poder político e da propriedade.

Em busca dessa vinculação, o MST vai reivindicar do Estado uma educação pública que possibilite romper com a divisão social do trabalho intelectual e manual, construindo homens comprometidos com o movimento. Fazendo da educação um instrumento que possibilita a

conquista da terra, a conquista dos interesses dos trabalhadores em geral e a construção da sociedade socialista.

Assim, o MST preconiza uma educação diferenciada da educação proposta pelo sistema capitalista e crê que por meio da educação é possível pensar numa sociedade livre, democrática e igualitária. A educação proposta pelo MST prega a transformação social. Este movimento defende uma educação questionadora que pode levar à construção de uma sociedade diferente, atribui à educação uma função de salvadora das injustiças sociais, a partir da qual uma reforma agrária de caráter socialista se torne possível.

No entanto, fundamentado na concepção marxista, Bezerra Neto (1999) explica que não é a idéia que cria a realidade objetiva, mas, ao contrário, é a realidade objetiva que determina o maneira de pensar das pessoas. Dessa forma, uma reforma agrária socialista poderia ajudar à construção de uma educação socialista, não o oposto, como defende o MST.

Consideramos que priorizar a educação, ampliando seus limites e possibilidades, parece ser uma visão pouco atenta e exagerada por parte do MST, por outro lado Marx não é tão reducionista como aponta Bezerra, pois segundo Gadotti (1995), Marx não vê as coisas dessa forma.

Para Marx a dialética é a ciência das leis gerais do movimento e da transformação das coisas, ela é definida como o movimento que se dá pela oposição dos contrários, isso é, pela contradição que se localiza no seio das próprias coisas, de todas as coisas, e em intensa interação com elas. A dialética explica a transformação da natureza e do próprio homem, nas suas múltiplas dimensões, considerando o processo de gênese e envelhecimento de todas as coisas, ou seja, observa os fenômenos no seu movimento contínuo e na luta de seus contrários. Assim a dialética tem como essência a contradição.

Assim, para Gadotti (1995), o materialismo dialético não considera a matéria e o pensamento como princípios isolados, ambos estão interligados. Deve-se considerar cada fenômeno no seu movimento e em interação com outros fenômenos que o rodeiam.

A dialética para Marx, não é algo mecânico e determinado absolutamente, pois há uma relação recíproca entre idéias e condições reais materiais. Trata-se de dimensões da realidade e da vida social, onde não convém conferir autonomia nem a uma nem a outra, pois ambas fazem parte das condições de existência social. Marx e Engels não negavam a importância da totalidade social e criticavam o reducionismo.

A contradição, ou seja, o confronto entre elementos em luta no interior de uma dada coisa, representa a possibilidade de transformação. A relação entre consciência humana e estrutura econômica, se reflete na luta pelo direito a educação e a cultura.

4.2. MST e a relação entre cultura e educação

Toda formação de sujeitos coletivos, segundo Caldart (2000), é um elemento necessário à construção de um movimento social, fazendo desta formação e dos movimentos sociais, elementos inseparáveis. Uma vez que são esses sujeitos que criam os movimentos. O MST é educador enquanto movimento social e cultural, pois sua presença, suas lutas, sua organização, seus gestos, sua linguagem, etc. são educativos.

Para a autora, a educação do MST se justifica pela relação intrínseca que esta estabelece com a cultura. Assim a autora aponta para um estreito vínculo entre movimento social, MST, cultura e educação.

A forte relação entre esse movimento e a cultura leva-o a ficar mais forte e ir além de si, ou seja, além dos sem-terra. Isso significa ter um projeto sociocultural. O MST privilegia a cultura como eixo da formação humana, pensando a relação desta com a produção, a

identidade, memória coletiva, trajetória histórica e projeto social. Sua cultura contagia a todos porque se expressa em símbolos, celebrações, gestos etc. que se chocam com valores de ordem, de vida, de dignidade etc. porque educam mais do que as cartilhas, onde a cultura mostra sua grande força educativa e matriz formadora. Trata-se de uma ampliação dos processos educativos, onde a escola se distancia do reducionismo e se transforma em resposta as questões sociais e culturais.

Aqui, a cultura tem dimensão de processo histórico e social, consolidando um projeto. Segundo Caldart (2000), a aproximação do MST com a escola pode ser compreendida pelo fato de sua construção no cotidiano contar com a existência de uma dinâmica de alguns processos *socioculturais*, fazendo-o um movimento de massa e de forte *dimensão de projeto*. A autora continua, afirmando que, o MET forma sujeitos coletivos para questionar as estruturas sociais e a cultura que as legitima, interrogando a sociedade, as estruturas escolares e as concepções pedagógicas, uma vez que representa um movimento cultural educativo rural, que traz elementos para um repensar pedagógico, que está vinculado a consolidação de valores para a construção de uma cultura de política pública e uma cultura da igualdade.

Trata-se de uma cultura que projeta o mundo e um tipo de organização social que, ainda não existe. Extrapolando sua influência para além da reforma agrária e para além das questões do campo, por isso é considerado, hoje, um sujeito forte para contestação do modelo capitalista, devido os valores e comportamentos que produz, expressa e socializa.

Assim, temos uma prática educativa que gera um saber social e educativo de outra ordem, vinculando educação, escola como memória, identidade coletiva, direitos, valores democráticos por igualdade e diversidade, por liberdade e justiça, pela terra, pela cultura, pelo trabalho e pela dignidade, estasbelecendo uma relação entre formação cultural e formação humana.

Sendo o capitalismo um sistema cruel em sua lógica, o MST vai contra esse sistema. Por isso, pensa um modelo de sociedade, projeto de país e de pessoas concretas. Este sonha em virar o mundo de cabeça para baixo, mudar o rumo da história, tirar o ser humano do perigo em que vive, pensar o futuro da humanidade e de todos nós.

Caldart (2000) parece ter captado as possibilidades e limites da escola dentro da sociedade de classes ao afirmar que a escola vinculada a um movimento como o MST, pode ir além de si, quando se apresenta como proposta pedagógica o vínculo entre escola e produção, escola e política e escola e cultura.

“Esta tradição pedagógica não cai em uma ingênua apologia destes movimentos, ao contrário, tenta entender suas *contradições*, seus limites e suas virtualidades formadoras. Tenta não esquecer (...) os processos desumanizantes da opressão e do cotidiano da vida dos oprimidos da terra. O peso desumanizante da miséria por vezes é maior do que o peso desumanizador dos movimentos sociais e dos nossos sonhos educativos”. (CALDART, 2000, p. 14, grifo nosso).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estrutura classista de nossa sociedade gera conflitos e cada conflito deve ser compreendido como um momento do todo, nesse contexto nada é isolado, e isolar os fatos significa privá-los de sentido e inviabilizar sua explicação, esvaziando-o de seu conteúdo. Desta forma, podemos dizer que, ~~as~~ ~~contradições~~ existentes em nossa estrutura social, ~~refletem-se~~ nos movimentos sociais e também na educação, criando um espaço de relação de forças que movimentam a sociedade, não só para conservação, como também para a transformação.

A partir de Ribeiro (2005) podemos afirmar que um fator predominante para o surgimento de um movimento social é a possibilidade ou a impossibilidade de ascensão social e também o desejo de transformação social, sendo assim o MST é um movimento social, pois carrega consigo o desejo de transformar a sociedade onde atua.

As lutas travadas pela democratização da terra são históricas, por isso não apareceu apenas com o MST, o que surge como novidade nesse contexto, é a tentativa de fazer uma vinculação entre a questão cultural e a educação, no interior de uma luta pela conquista da terra. Uma organização que defende a propriedade coletiva dos meios de produção e a democratização do poder político e da propriedade. Por isso é necessário, de acordo com Bezerra Neto (1999), que esses trabalhadores em luta pela terra, observem o rumo que seu movimento está tomando para que não corram o risco de tornarem-se capitalistas e os novos fazendeiros de amanhã.

De acordo com Gadotti (1995), o MST, assim como as demais instituições sociais, fazem parte de uma sociedade contraditória como a sociedade capitalista, carregando consigo traços desta contradição, nascendo da grande miséria que faz oposição a grande riqueza produzida pelo capitalismo, o que seria a primeira e principal contradição desta sociedade. Outra contradição do movimento é o fato de se situar entre os novos e velhos movimentos sociais. O MST duela entre

a questão da sobrevivência, lidando com questões econômicas, o que o caracteriza como um movimento velho, e entre a luta pela Reforma Agrária, o que o coloca entre os movimentos novos.

Outra contradição do MST é o fato de ter se tornado um movimento de massa se igualando aos velhos movimentos semelhantes aos antigos partidos de massa. O movimento é composto por sujeitos com diferentes fins, assim existem sujeitos oportunistas e também, sujeitos comprometidos com a liberdade do homem e a construção de uma sociedade igualitária (Bezerra Neto, 1999).

O MST tem como principal aliado de sua luta política a educação. Assim, torna-se importante levar em conta que a luta por uma educação pública, gratuita e de boa qualidade, não é recente, porém, a maneira como o MST aborda essa temática, tentando relacionar a luta do movimento com a educação é uma novidade (BEZERRA NETO, 1999). O problema é que, segundo este autor, o MST comete o erro de atribuir a educação uma capacidade que ela não tem. O movimento acredita que uma educação questionadora abra caminho para construção de uma sociedade onde uma reforma agrária se torne possível, e não o inverso, onde uma reforma agrária socialista poderia ajudar à construção de uma educação socialista. Esta forma de pensar dá ao MST, apesar de ser um movimento com propostas para mudanças sociais mais amplas, portanto de caráter revolucionário, uma posição conservadora, pois atribui a responsabilidade de mudança social à educação, colocando-a em um mesmo patamar de importância que a reforma agrária.

Diante das contradições existentes no interior MST, o que o torna um espaço de luta de diversos níveis e qualidades de interesses, podemos dizer que, estas contradições são reflexos, em maior ou menor grau, das contradições existentes na sociedade capitalista. Assim a educação proposta por esse movimento reflete as contradições da sociedade.

Assim, a educação promovida nos diferentes assentamentos, às vezes não expressa o desejo e a necessidade daqueles que ali estão assentados. Sabemos que não se deve desprezar a elaboração de um currículo mínimo comum, onde deve estar presente um diálogo amplo entre educando, escola, comunidade, movimento e sociedade, possibilitando uma troca de experiências e de saberes. Deve-se estabelecer um elo entre as necessidades do assentamento e as discussões mais amplas para evitar o ruralismo e o maniqueísmo.

De acordo com Bezerra (1999), ainda que não tenha compreendido com exatidão os limites e as possibilidades da educação, o MST captou e compreendeu que a educação pode ser um elemento importante na luta por transformação social. Pois:

“No interior da proposta pedagógica do MST, o estudo visa antes de tudo preparar o educando para a vida no assentamento e dedicação à causa dos trabalhadores em geral e dos trabalhadores sem-terra em particular. Deve, ainda, ter o papel de levar o educando à reflexão sobre o trabalho e suas relações, entendendo que a educação se coloca como um dos fatores em jogo na luta de classe.” (Bezerra Neto, 1999, p. 91).

Consideramos, que apesar dos limites e contradições enfrentadas pela proposta educacional proposta pelo MST, ele tem contribuições significativas por defender o compromisso com a transformação social.

Em termos educacionais, o MST trouxe oportunidade de acesso à escola no meio rural para um grande número de analfabetos que jamais teriam escola se não fosse o movimento, e buscou por em prática uma concepção educativa que integrava a escola com o trabalho, por meio da vinculação entre teoria e prática, lutando pelo fim da divisão social do trabalho. Em termos políticos, o MST inovou ao reacender a luta política revolucionária (Bezerra Neto, 1999).

Em termos econômicos, evitou que o homem do campo fosse à cidade e engrossasse a massa assalariada, estimulou a luta contra a concentração de terras e exclusão social presentes na

sociedade, o trabalho escravo e a exploração do trabalho infantil, todos fatores que impedem a liberdade do homem e a construção da sociedade socialista (BEZERRA NETO, 1999).

Em termos culturais pregou, por meio do incentivo ao trabalho em hortas comunitárias e da preparação conjunta da merenda escolar, a aproximação com o trabalho e o desenvolvimento da solidariedade (BEZERRA TENO, 1999).

A maior contribuição do MST, segundo Bezerra Neto (1999), dá-se no momento em que o movimento, apesar de suas contradições, denuncia os conflitos sociais existentes no Brasil, vislumbrando a construção de uma sociedade que tenha como base a solidariedade fraterna entre as pessoas acabando com a relação de exploração existente. Não podemos negar que este movimento destaca-se por sua organização, disciplina e pelas lutas sociais que desenvolve, visando construir uma sociedade sob novas bases sociais, culturais, econômicas e políticas, cujo fundamento é o homem e não o *lucro* produzido pelo capital, pelo menos para os dirigentes mais expressivos do movimento. Para que isso aconteça, o movimento trava uma luta conjunta com outras categorias econômicas, visando transformar a sociedade atual em uma sociedade sem exploradores e sem explorados, mostrando que, a queda do muro de Berlim não representou o fim da utopia do socialismo, já que ainda existem pessoas comprometidas com esse sonho.

Concluí-se que, ainda que o capitalismo encontre-se em um estado de hegemonia, como afirma Caldart (2000), este não pode deixar de ser ameaçado, no momento em que, os conflitos e contradições sociais são ao mesmo tempo denunciados e pensados como possibilidades de transformação social por outra classe social, um partido, um movimento social, ou uma nova concepção de educação e até mesmo por um indivíduo comprometido com a transformação social. Não devemos nunca abandonar e deixar de repensar as velhas estratégias e, principalmente, instaurar as novas. Não devemos temer a história, o que já é suficiente para não deixar que um sonho morra: a luta socialista.

BIBLIOGRAFIA

ABDALLA, Abdalla. O princípio da cooperação: em uma nova racionalidade. Paulus, 2002.

BAUMAN, Zugmunt – Comunidade: a busca por segurança no mundo atual; Tradução Plínio Dentzien – RJ, Jorge Zahar Ed. 2003.

BAUMAN, Zugmunt. Identidade; Tradução Carlos Alberto Medeiros. – RJ: Jorge Zahar Ed., 2005.

BEZERRA NETO, Luiz. Sem-terra aprende e ensina: estudo sobre as práticas educativas do movimento dos trabalhadores rurais. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

CALDART, Roseli. Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CASTELLS, Manuel. O Poder da Identidade. Tradutor Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

EAGLETON, Terry. As Ilusões do Pós-modernismo. Tradução: Elisabete Barboza, Jorge Zahar Editor, RJ, 1998.

FRIGOTTO, Gaudêncio (org). Educação e Crise do trabalho: perspectivas de final de século. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

GADOTTI, Moacir. Concepção Dialética da Educação: um estudo introdutório. São Paulo: Cortez, 1995.

Jornal Girassol. **Movimentos sociais: O povo em ação**; disponível em <<http://www.ogirassol.com.br/aprender131/index.htm>> acesso em 8 de maio de 2006

RAMONET, Ignácio. Guerras do Século XXI: novos temores novas ameaças. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SIQUEIRA, Sandra Maria Marinho. (FACED/UFC). O Papel Dos Movimentos Sociais Na Construção De Outra Sociabilidade. GT3- Movimentos sociais e Educação. < <http://www.anped.org.br/25/excedentes25/sandramariamarinhosiqueirat03.rtf>> (Acesso em 19 de maio de 2006).



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

FICHA DE ACOMPANHAMENTO - ORIENTAÇÕES

Aluno orientando: Aline Tavares Santana

Período : _____

Contatos (telefone / e-mail): 9771-2280 / 9771-2280

Professor orientador: Angela Maria de Souza Martins

Tema / objeto de estudo: A EDUCAÇÃO NO MST

Título provisório da monografia: MST E A EDUCAÇÃO

Eu, Aline Tavares Santana,

aluno (a) do 11º período do Curso de Pedagogia, fui informado (a) de que a disciplina Monografia II será avaliada pela entrega da monografia de final de Curso, em uma via, bem como pelo recebimento – em data a ser definida no primeiro dia de aula – da cópia da monografia, desta Ficha e da Ficha de Aceite do Orientador, com os quadros de orientação devidamente preenchidos e assinados por mim e pelo professor orientador.

Rio de Janeiro, 17 de julho de 2006.



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

FICHA DE ACEITE DO ORIENTADOR

Aluno(a) : Aline Tavares Santana

Título do trabalho monográfico : O MST E A EDUCAÇÃO: CONTRADIÇÕES DE UM MOVIMENTO, LÍMITES E POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO E CONTINUAÇÃO DE UM SONHO

Orientador : ANGELA MARIA SOUZA MARTINS

Eu, ANGELA MARIA SOUZA MARTINS,
professor (a) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro / Escola de Educação,
confirmando a orientação de Aline Tavares Santana

_____, aluno (a) regularmente matriculado
(a) no Curso de Pedagogia desta Universidade.

Confirmando, ainda, estar ciente do prazo final de entrega de seu trabalho monográfico intitulado MST E A EDUCAÇÃO: CONTRADIÇÕES DE UM MOVIMENTO, LÍMITES E POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO E CONTINUAÇÃO DE UM SONHO.

Rio de Janeiro, 14 de julho de 2006.

Angela Maria Souza Martins
orientador



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A): Aline Tavares Santana

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO: O MST E A EDUCAÇÃO: ENTENDIMENTO DE UM MOVIMENTO, LIMITES E POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO E A CONTINUAÇÃO DE UM SONHO

ORIENTADOR: Angela Maria de Souza Martins

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador: _____

Professor convidado: DIÓGENES PINHEIRO

Nota: 8,0 (OITO)

Considerações:

O tema escolhido é importante e relativamente pouco estudado, o que é, por si só, um aspecto importante do trabalho.

No entanto, a monografia não se aprofunda na análise da proposta

educacional do MST, deixando, portanto, de cumprir uma parte essencial dos seus objetivos. Ao lado disso o uso de referências bibliográficas restritas e às vezes dispersas, sobretudo da internet, fragiliza inclusive a importante discussão proposta sobre a especificidade do MST em relação aos movimentos sociais contemporâneos. Reconheço o esforço em pesquisas num tema relevante no cenário educacional brasileiro.

Segundo avaliador:

Professor orientador: ANGELO MARIA SOUZA MARTINS

Nota: 9,0 (muito)

Considerações:

A autora desenvolveu um significativo esforço para elaborar a monografia. Dentro de suas possibilidades leu algumas obras, indicadas poderia ter explorado mais a questão sobre a educação do MST, mas de qualquer forma cumprimos parte significativa de suas tarefas e acredito sua monografia é satisfatória. Por isso, atribuo-lhe a nota 9,0 (muito). Adeq.

Terceiro avaliador :

Professor da disciplina Monografia II: Ágria Martha Collio

Nota : 9,0

Considerações:

Rever referências bibliográficas!
LUU.

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
8,0	9,0	9,0	26,0	8,7

Rio de Janeiro, agos to / 2006.